

O Teosofista

Ano XI - Número 124 - Edição de Setembro de 2017

Uma Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados:
www.HelenaBlavatsky.net, www.FilosofiaEsoterica.com e www.CarlosCardosoAveline.com

Facebook: [SerAtento](#) e [FilosofiaEsoterica.com](#). Email: indelodge@gmail.com



Em qualquer circunstância, a escolha do caminho honesto está ao alcance do cidadão.

000

A Implosão e o Renascimento



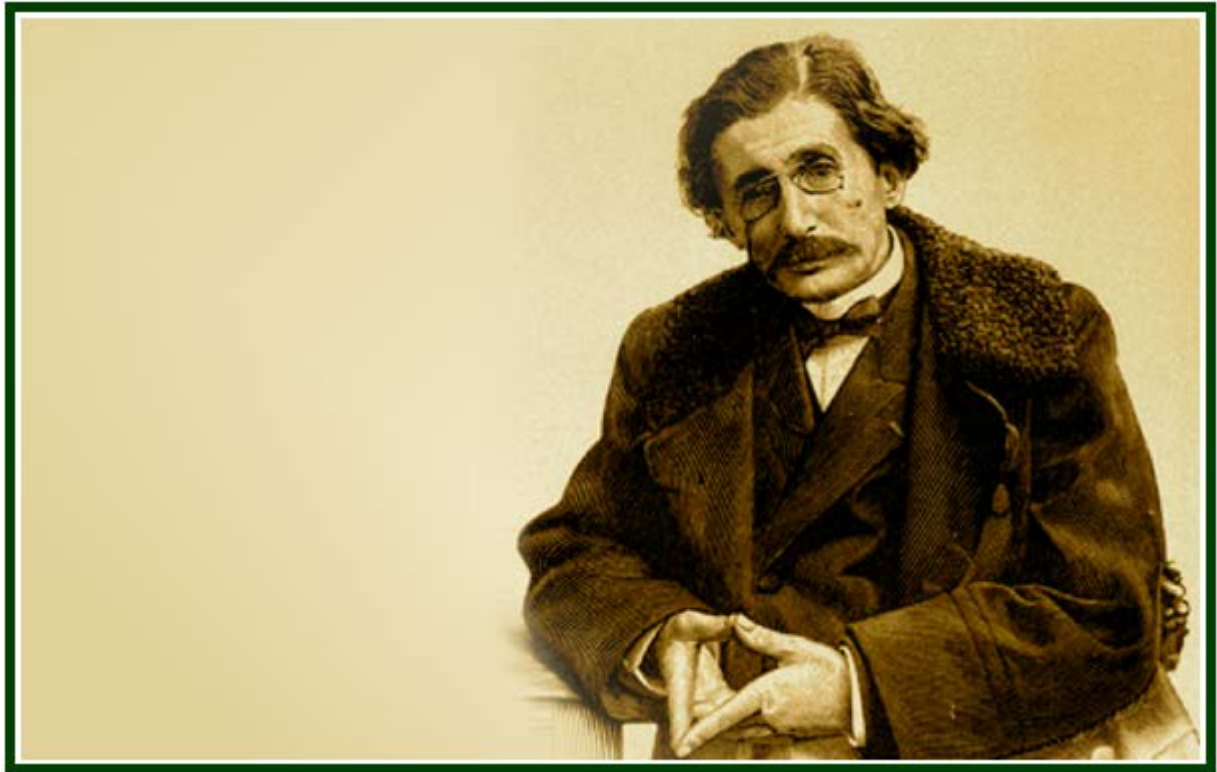
Crises políticas, atos de violência e proliferação nuclear se espalham pelo mundo. Fascinada pela decadência, a mídia convencional parece não ter interesse em divulgar ações corretas ou exemplos inspiradores.

Diante de uma situação como esta, duas coisas básicas podem ser lembradas.

A primeira é que, quando aqueles que têm hábitos éticos e agem solidariamente se tornam demasiado poucos em uma comunidade ou civilização, as estruturas coletivas implodem. A segunda é que, cada vez que o número de cidadãos sinceros cresce com força e mais pessoas pensam de maneira construtiva, as estruturas comunitárias florescem e há um maior bem-estar.

Os dois processos podem coexistir. O mundo antigo implode porque o novo é construído, e vice-versa. O renascimento da cooperação acontece porque o velho egoísmo cego destrói a si mesmo. A construção do novo é invisível para aqueles que insistem em não enxergar. Ela é vista pelos operários envolvidos nela, pelos que ouvem suas próprias almas, e pelos que têm uma afinidade interna com a Lei da Vida.

A Sociologia da Alma



Na foto, Gabriel Tarde (1843 - 1904) mantém as mãos na postura do mudra Uttarabodhi, ao qual se atribui o efeito de expandir a consciência

O pensador francês Gabriel Tarde escreveu:

“A sociologia será uma psicologia ou nada será.” [1]

A afirmação corresponde a um axioma em teosofia, e expressa o fato básico de que as formas materialistas de sociologia, que ignoram a existência da alma, estão condenadas à lata de lixo da História.

A psicologia é a ciência da alma. Helena Blavatsky ensinou que não há separação entre o Carma individual e o Carma (ou Destino) coletivo. Os processos pessoais e sociais de pensamento interagem o tempo todo. Uma visão ética da vida ocorre simultaneamente em indivíduos, relações interpessoais, grupos pequenos e comunidades - tanto no plano local como no plano da nação e em escala planetária.

Qualquer país está condenado à irrelevância se as pessoas que vivem nele não puderem ouvir suas almas. As nações são abençoadas na medida em que seus cidadãos pensam e atuam à luz das suas próprias consciências.

NOTA:

[1] Gabriel Tarde nasceu em 12 de março de 1843. Esta frase é reproduzida do livro “Psicologia Grupal”, de Luiz Carlos Osorio, ArtMed, São Paulo, Brasil, 2007, ver p. 8.

João Doria Junior: **A Importância da Humildade**



João Doria é prefeito de São Paulo

Humildade não significa resignação, inferioridade. Pelo contrário, quer dizer grandeza de alma, mente aberta para reconhecer erros e tomá-los como lições de vida em busca do aperfeiçoamento.

A postura dentro de uma empresa, em casa ou em um clube deve ser semelhante à postura num salão japonês onde acontece a cerimônia do chá. Aquele ambiente não tem decoração nem, na maioria das vezes, um único ornamento. Esse despojamento permite que a imaginação do observador preencha as lacunas, uma vez que o essencial não precisa ser exibido. Com humildade é possível aprender com os erros, os seus e os dos outros.

Quem não tem uma postura humilde, principalmente diante do fracasso, está despreparado para enfrentar as dificuldades inevitáveis da vida, tanto no campo profissional quanto no pessoal. Neste sentido, quase todas as pessoas têm dentro de si a necessidade de ser bem-sucedidas. Mas o sucesso não vem apenas porque você acha que merece.

Não se pode abrir mão da humildade nem mesmo quando já se atingiu o sucesso. Aliás, é nesse momento que você precisa ser humilde. Existem artistas, desportistas e empresários que

ao chegar ao topo da carreira adquirem uma máscara que acaba por isolá-los, impedindo que partilhem com as outras pessoas o lado bom de ser um vencedor.

(João Doria Junior)

[Do livro “Sucesso Com Estilo: 15 Estratégias Para Vencer”, de João Doria Junior, Editora Gente, SP, Brasil, 1998, 169 pp., ver pp. 53-54. No alto da página 53, Doria faz uma longa citação do Tao Te King.]

Ideias ao Longo do Caminho

Vários Tipos de Ioga Fazem Parte da Filosofia Esotérica



O altruísmo permite ter o olhar de um pássaro que voa no alto

* Cabe pensar por si mesmo. Se uma manada de búfalos corre a toda velocidade para um precipício, não há motivo para aderir à aparente “unanimidade”.

* Por maior que seja a quantidade de ações sem ética que vemos na vida diária, há fortes motivos para permanecer longe da influência fétida que elas geram. A falta de sinceridade pertence ao mundo ilusório: a mentira extingue a si própria. As ações egoístas são punidas a seu devido tempo pela lei invariável do plantio e da colheita.

* Em qualquer circunstância, a escolha do caminho honesto está ao alcance do cidadão. A imperfeição é parte da caminhada, assim como o aperfeiçoamento. Não há nada mais forte ou mais elevado que a verdade: a vida pura e a ajuda mútua renascem constantemente, descartando passo a passo o egocentrismo e outras formas de ignorância.

- * O processo tríplice de vivência da teosofia inclui como fatores decisivos o autoconhecimento, o autocontrole e a vida altruísta.
- * Vários tipos de Ioga fazem parte da filosofia esotérica. No entanto, a Ioga em teosofia não é uma questão que dependa sobretudo desta ou daquela técnica. A vitória ocorre pouco a pouco quando o peregrino mantém diante de si um Ideal de autoaperfeiçoamento. A Ioga inclui o conjunto da vida, e também algumas técnicas.
- * A influência sutil da intenção sagrada na alma muda para melhor, silenciosamente, nosso desempenho na vida diária. O progresso é seguro quando o peregrino estuda a filosofia da sabedoria eterna e preserva diante de si, noite e dia, a essência interior do que aprende.
- * A história avança em espiral: a liderança dos povos obedece à lei dos ciclos. Diferentes nações comandam por algum tempo a civilização humana, antes de serem substituídas por outros países e novas formas de liderança. Quando as nações-líderes são destronadas, precisam redescobrir uma atitude mais humilde diante da vida internacional. E cabe prestar atenção ao processo das nações e culturas mais antigas da Terra. Em alguns casos, há uma influência invisível que vem delas e ajuda a estabilizar a evolução humana de hoje.
- * Quando o estudante faz um esforço para concentrar a mente sobre uma realidade espiritual valiosa, ele precisa saber o que fazer diante das renovadas distrações de todo tipo. Fechar os olhos é inviável, já que a verdadeira concentração necessita de uma mente aberta. A chave está no desapego.
- * O peregrino bem informado desenvolve uma capacidade de compreender com rapidez os fatos novos e deixá-los imediatamente de lado sempre que são destituídos de real significado.
- * A ausência de sentimentos egoístas torna possível olhar para os fatos de maneira honesta. O altruísmo permite ter a visão de um pássaro que voa no alto, transcendendo os corredores estreitos formados por interesses pequenos. O horizonte amplo surge à medida que nos sentimos bem no céu do pensamento universal e do tempo ilimitado.

000

A Diferença Entre a Teoria e o Discurso

O estudante de filosofia deve restringir pouco a pouco sua agenda pessoal, para que possa obter de fato a paz interior e a sabedoria.

A quantidade maior ou menor de coisas por fazer ao longo de um dia é um fator decisivo para o estado mental e emocional de alguém. A civilização materialista é marcada pela ansiedade porque as pessoas querem fazer mais coisas do que podem, a cada dia.

Diz a tradição que “um iogue pode estar no mundo sem pertencer a ele”. O segredo que torna isso possível está no fato de que um iogue libertou-se do excesso de estresse porque não prioriza metas pessoais. Ele obedece à Lei da Conservação da Energia. Ele atua no plano das Causas. Ele evita o exagero e age com moderação.

filosófica. Eu me importo tão pouco com receber respeito por parte dele quanto ele se importa com o meu desagrado. Mas, deixando de lado a postura superficialmente desagradável dele, reconheço plenamente as suas boas intenções, suas aptidões e sua potencial utilidade. Faremos melhor começando a trabalhar novamente sem mais digressões, e enquanto ele perseverar me encontrará disposto a ajudá-lo, mas não a adulá-lo nem a discutir com ele.

Ele entendeu tão mal o espírito com que o memorando e o pós-escrito foram redigidos que, não tivesse ele me colocado durante os últimos três dias sob um débito de profunda gratidão pelo que está fazendo por minha pobre e velha chela¹, nunca teria me dado ao trabalho de fazer o que pode parecer uma desculpa, ou uma explicação, ou ambas as coisas. Seja como for, essa dívida de gratidão é tão sagrada, que faço agora por ela o que poderia ter-me recusado a fazer até mesmo pela Sociedade: peço a permissão dos Sahibs para informá-los de certos fatos. O mais sagaz funcionário inglês não conhece as nossas maneiras indo-tibetanas. A informação dada agora poderá ter utilidade em nosso relacionamento futuro. Terei de ser sincero e falar claro, e o sr. Hume terá que perdoar-me. Uma vez que sou obrigado a falar, devo dizer TUDO - ou não dizer nada.

Não sou um grande erudito, Sahibs, ao contrário do meu irmão abençoado; no entanto, creio que entendo o valor das palavras. E, se é assim, sou, então, incapaz de compreender o que pode ter havido em meu pós-escrito que tenha provocado o irônico desagrado do sr. Hume em relação a mim. Nós, moradores das choupanas indo-tibetanas, nunca entramos em conflito (isto é em resposta a alguns pensamentos expressados em relação ao assunto). Deixamos os conflitos e mesmo as discussões para aqueles que, incapazes de avaliar uma situação num relance, são por isso forçados, antes de chegar a uma decisão final em relação a qualquer coisa, a analisar e avaliar um a um e várias vezes cada detalhe. Sempre que nós - pelo menos aqueles entre nós que são *dikshita*² parecemos, portanto, a um europeu não “inteiramente seguros em relação aos nossos fatos”, isso pode frequentemente ser devido à seguinte peculiaridade.³ Aquilo que a maioria das pessoas considera como um “fato” não nos parece mais que um simples RESULTADO, uma visão do passado que não merece a nossa atenção, atraída geralmente por *fatos primários*. A vida, estimados Sahibs, mesmo quando prolongada indefinidamente, é demasiado curta para que sobrecarreguemos nossos cérebros com pequenos detalhes - meras sombras. Ao observar o desenvolvimento de uma tempestade, nós fixamos nosso olhar na causa que a produz e abandonamos as nuvens ao capricho do vento que lhes dá forma. Tendo sempre meios à mão para trazer à nossa consciência quando realmente necessários os detalhes menores, nós nos ocupamos apenas dos fatos principais. Por isso, dificilmente poderíamos estar *absolutamente equivocados* - como somos com frequência acusados por vocês, pois as nossas conclusões jamais são baseadas em dados secundários, mas na situação como um todo.

¹ A palavra “chela” significa “discípula”, ou “discípulo”. Allan O. Hume havia escrito uma carta a “The Saturday Review” defendendo Helena P. Blavatsky diante de ataques injustos. A carta dele foi mais tarde publicada nos números de dezembro de 1881 e janeiro de 1882 de “The Theosophist”. Veja o comentário prévio à transcrição desta Carta em “Cartas dos Mahatmas”, volume I, p. 151. (CCA)

² Iniciados. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

³ Neste ponto o Mestre começa a descrever o processo de pensamento dos Iniciados. Eles pensam no nível das causas, e não tanto no nível dos efeitos. (CCA)

Por outro lado, os homens comuns - mesmo os mais intelectuais - ao darem toda a sua atenção ao significado das aparências e da forma externa, incapazes como são de penetrar *a priori* até o cerne das coisas, tendem a avaliar erradamente toda a situação, sendo condenados a só descobrir o seu engano quando já é tarde demais. Devido a complicados mecanismos políticos, a debates, e ao que vocês chamam, se não me equivoco, de conversas sociais, controvérsias e discussões de salão, o sofisma se transformou agora na Europa (e portanto entre os anglo-indianos) no “exercício lógico das faculdades intelectuais”, enquanto que para nós nunca superou sua natureza original de “raciocínio falacioso”, cujas premissas cambaleantes e inseguras formam e estabelecem a maior parte das conclusões e opiniões. Novamente, nós, asiáticos ignorantes do Tibete, mais acostumados a seguir o pensamento de nosso interlocutor ou nosso correspondente do que as palavras com que ele o envolve, nos preocupamos geralmente muito pouco com a exatidão das suas expressões. Pois bem, esta introdução parecerá tão ininteligível quanto inútil a vocês, e talvez se perguntem onde quero chegar com tudo isso. Paciência, peço eu, porque tenho algo mais a dizer antes do nosso esclarecimento final.

Alguns dias antes de nos deixar, falando de vocês, Koot’hoomi disse-me o seguinte: “Sinto-me cansado e exausto com essas discussões intermináveis. Quanto mais me esforço para explicar a ambos as circunstâncias que nos controlam e que interpõem tantos obstáculos a um livre intercâmbio entre nós, menos eles me entendem! Sob os aspectos mais favoráveis esta correspondência será sempre insatisfatória, e até exasperadamente insatisfatória, às vezes, pois só entrevistas pessoais nas quais pudesse haver discussão e resolução imediata de dificuldades intelectuais conforme elas se apresentassem, poderiam deixá-los completamente satisfeitos. É como se estivéssemos gritando um para o outro através de um vale intransponível e somente um de nós visse o seu interlocutor. De fato, não há em nenhum lugar da natureza física um abismo entre montanhas tão desesperadamente intransponível e cheio de dificuldades para o viajante como esse abismo espiritual que os mantém afastados de mim”.

Dois dias mais tarde, quando o seu “retiro” foi decidido, ele me perguntou ao partir: “Você cuidará do meu trabalho, fará com que ele não caia em ruínas?” Prometi que sim. O que eu não teria prometido a ele naquela hora? Em certo lugar que não pode ser mencionado a estranhos, existe um abismo, atravessado por uma frágil ponte de fibras entrelaçadas, com uma impetuosa correnteza em baixo. O mais intrépido membro dos seus clubes de alpinismo dificilmente ousaria aventurar-se a passá-la, porque a ponte está pendurada como uma teia de aranha e *parece* apodrecida e intransponível. E, no entanto, não é assim; e aquele que ousa enfrentar a prova e tem êxito - como o terá se for correto que ele tenha permissão - chega a um desfiladeiro cujo cenário é de uma beleza insuperável - a um dos *nossos* lugares, e a algumas pessoas *nossas*, algo em relação ao qual não há anotação ou registro entre geógrafos europeus. À distância do arremesso de uma pedra desde o velho monastério de Lamas ergue-se a antiga torre dentro da qual surgiram gerações de *Bodhisatwas*. É aí que agora descansa sem vida o seu amigo, meu Irmão, a luz da minha alma, a quem fiz uma solene promessa de cuidar do *seu* trabalho durante sua ausência. E será possível, pergunto, que apenas dois dias depois do retiro dele, eu, seu fiel amigo e Irmão, possa ter demonstrado gratuitamente falta de respeito para com os amigos europeus dele? Que razão haveria para isso, e o que poderia ter suscitado uma ideia destas na mente do sr. Hume e mesmo na sua? Bem, uma ou duas palavras inteiramente mal compreendidas e mal-usadas por ele. Provarei isso.

Vocês não pensam que se a expressão usada “chegando a odiar o sut-phana” tivesse sido substituída por “chegando a sentir novamente impulsos de antipatia” ou de temporária irritação, só esta frase teria mudado maravilhosamente os *resultados*? Se ela tivesse sido

formulada *assim*, o sr. Hume dificilmente teria encontrado uma oportunidade para *negar o fato* de forma tão terminante como o fez. Porque nisso ele tem razão, e a PALAVRA é incorreta. É perfeitamente correto dizer que um sentimento de *ódio* como esse nunca existiu nele. Resta ver se será também capaz de protestar contra a declaração em geral. Ele confessou o fato de que estava “irritado” e que teve um “sentimento de desconfiança” provocado por H.P.B. Essa “irritação”, como ele não nega mais, perdurou por vários dias. Onde ele vê então a afirmativa errada? Vamos admitir, além disso, que a palavra usada *fosse* incorreta. Então, já que ele é tão metucioso na escolha das palavras, tão desejoso de que traduzam sempre o sentido exato, por que não aplicar a si próprio a mesma regra de ação? O que poderia ser facilmente perdoado em um asiático que ignora o idioma inglês, e alguém, além disso, que nunca teve o costume de escolher as suas expressões, pelas razões acima citadas e porque *não pode* ser mal-interpretado entre a *sua* gente, deveria ser *indesculpável* em um inglês culto e altamente ilustrado. Ele escreve em sua carta a Olcott: “Ele (eu) ou ela (H.P.B.), ou os dois, confundiram e interpretaram tão mal uma carta escrita por Sinnett e por mim, que isso conduziu a que recebêssemos uma mensagem totalmente inaplicável às circunstâncias, o que necessariamente *criou desconfiança*”. Solicito humildemente permissão para fazer uma pergunta: quando foi que *ela*, ou *eu*, ou nós dois, vimos e lemos e então, “confundimos e interpretamos erroneamente” a carta em questão? Como poderíamos ela ou eu ter confundido o que *ela nunca havia visto* e algo a que eu, não tendo o desejo nem o direito de ver, ou de imiscuir-me neste assunto que diz respeito apenas ao Chohan e a K.H. - nunca dei a menor atenção? Ela informou a vocês, no dia em questão, que foi devido a esta carta de *vocês* que eu a enviei à residência do sr. Sinnett com a mensagem? *Eu estava ali*, respeitáveis Sahibs, e posso repetir palavra por palavra do que ela disse: “Que é isso?... Que vocês estão fazendo, ou dizendo a K.H.” - gritou ela em seu estado costumeiramente nervoso e excitado ao sr. Sinnett, que estava sozinho no quarto - “para que M. (referindo-se a mim) ficasse tão irritado e me dissesse que me preparasse para partir e instalar a nossa sede central no Ceilão?” - estas foram as primeiras palavras que ela disse, mostrando assim *que ela não sabia nada ao certo*, não fora informada de nada e simplesmente fazia suposições a partir do que eu lhe havia dito. E o que eu lhe disse foi simplesmente que seria melhor que se preparasse para o pior e para partir para o Ceilão, instalando-se lá, do que fazer o papel de boba, tremendo a cada carta que lhe fosse dada para enviar a K.H.; e que, a menos que aprendesse a se controlar melhor, eu ia colocar um ponto final no assunto do *dak*. Estas palavras foram ditas por mim a ela não porque eu tivesse algo a ver com a carta de *vocês* ou *qualquer outra*, nem em consequência de qualquer carta enviada, mas porque casualmente vi a aura ao redor da *Eclética* e dela mesma, e estava negra e cheia de futuras deslealdades, e mandei que ela dissesse isso ao sr. Sinnett, *não* ao sr. Hume. A minha observação e a minha mensagem a perturbaram do modo mais ridículo (devido à sua condição pouco feliz e a seus nervos esgotados) e seguiu-se a cena bem conhecida. É por causa dos fantasmas do fracasso teosófico, evocados pelo seu cérebro desequilibrado, que ela é agora acusada - como eu - de ter confundido e interpretado erroneamente uma carta que ela nunca viu? Se há ou não na afirmação do sr. Hume uma só palavra que possa ser chamada de correta - o termo “correta” está sendo agora usado por mim em relação ao significado real de toda a frase, e não meramente a palavras isoladas - é algo que deixo para o julgamento de mentes superiores às dos asiáticos. E se posso questionar a exatidão da opinião de alguém tão vastamente superior a mim no que se refere a educação, inteligência e agudeza de percepção da eterna adequação das coisas - tendo em vista a explicação acima mencionada - por que haveria de ser considerado “absolutamente equivocada” a seguinte afirmação: “Vi também o crescimento de uma repentina aversão (digamos irritação) *engendrada pela desconfiança* (tendo o sr. Hume confessado e usado idêntica expressão em sua resposta a Olcott - veja, por favor, a citação da carta dele dada acima) no dia que a mandei com uma mensagem à residência do sr. Sinnett”. Será isso

incorreto? E mais: “eles sabem quão agitada e desequilibrada ela está, e este sentimento hostil da parte dele foi quase cruel. *Durante vários dias ele mal olhou para ela*, e não lhe dirigiu uma palavra - causando uma séria e desnecessária dor à sua natureza hipersensível. *E quando o sr. Sinnett lhe disse isto, ele negou o fato...*” Esta última frase, que continua na página 7 com muitas outras verdades semelhantes, eu a cortei fora junto com o resto (conforme você pode confirmar perguntando a Olcott, que lhe dirá que originalmente havia 12 páginas e não 10, e que ele enviou a carta com muito mais detalhes do que você pode encontrar nela agora, porque ele não sabe o que eu fiz *nem por que* foi feito. Não querendo lembrar ao sr. Hume detalhes há muito esquecidos por ele e irrelevantes no caso em questão, eliminei a página e risquei muito do restante. Os sentimentos dele já tinham mudado e eu estava satisfeito.)

Agora, a questão não é se o sr. Hume “não dá importância alguma” ao fato de seus sentimentos *me agradarem ou não*, mas sim, se ele se baseava em *fatos* para escrever a Olcott do modo como fez, isto é, se eu tinha *interpretado inteiramente mal* os reais sentimentos dele. Eu digo que *ele não se baseava em fatos*. Ele não pode impedir-me de estar “desgostoso”, e eu não posso dar-me ao trabalho de fazê-lo sentir-se de modo diferente de como se sente agora, até porque ele não dá “importância alguma ao fato de seus sentimentos me desagradarem ou não”. Tudo isso é uma infantilidade; e aquele que quer saber como beneficiar a humanidade e acredita que é capaz de identificar o caráter das outras pessoas tem que começar, antes de tudo, *a aprender a conhecer a si mesmo*, a perceber o verdadeiro valor do seu próprio caráter. E isso, ousado dizer, ele não aprendeu até hoje. E ele deve também aprender em que casos particulares os *resultados* podem, por sua vez, transformar-se em *causas* primárias e importantes, quando o resultado se torna um *Kyen*⁴. Se ele a tivesse odiado com o ódio mais amargo que pode haver, não poderia ter torturado os nervos dela, tola e sensível, de forma mais efetiva do que o fez, “ainda tendo afeto pela querida velha senhora”. Ele fez isto com os que mais amava, e voltará a fazê-lo inconscientemente mais de uma vez no futuro; e no entanto o seu primeiro impulso será sempre o de negá-lo, porque, na verdade, é totalmente *inconsciente* do fato. Nesses casos a extrema bondade de seu coração fica inteiramente cega e paralisada por outro sentimento que, caso lhe seja descrito, ele também negará. Sem desanimar diante dos seus apelidos de “simplório” e “Dom Quixote”, fiel à promessa que fiz ao meu Irmão abençoado, eu falarei a ele sobre isso quer ele goste ou não; porque agora que ele manifestou abertamente seus sentimentos, teremos que entender um ao outro ou romper relações. Isto não é “uma ameaça semivelada”, segundo a expressão dele, porque “uma ameaça vinda de um homem é como o latido de um cão” - não significa nada. Digo que, a menos que ele compreenda como é completamente inaplicável para nós o critério pelo qual ele está acostumado a julgar as pessoas ocidentais de sua própria sociedade, seria simplesmente uma perda de tempo para mim ou para K.H. ensinar e, para ele, aprender. Nós nunca consideramos uma advertência amistosa uma “ameaça”, nem nos sentimos irritados quando ela nos é feita. Ele diz que, pessoalmente, não se importará nem um pouco “caso os Irmãos rompam as relações com ele amanhã”; mais uma razão, então, para que cheguemos a um entendimento. O sr. Hume se orgulha de pensar que nunca teve “um espírito de veneração” por coisa alguma a não ser pelos seus próprios ideais abstratos. Nós temos plena consciência do fato. Nem ele poderia de modo algum sentir veneração por alguma pessoa ou alguma coisa, porque toda a veneração de que ele é capaz está *concentrada nele mesmo*. Este é um fato, e é a causa de todos os problemas da vida dele. Quando os seus numerosos “amigos” oficiais e a própria família dizem que isso é *presunção*, eles estão equivocados e dizem uma verdadeira tolice. Ele é intelectualizado demais para ser presunçoso: ele é, simples e inconscientemente, uma *personificação do orgulho*. Não teria veneração nem mesmo por

⁴ *Kyen*, uma causa. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

seu próprio Deus, caso esse Deus não fosse criado e formado por ele mesmo; essa é a causa pela qual ele nunca poderia se tornar receptivo a qualquer doutrina estabelecida, e nunca se submeteria a nenhuma filosofia que não surgisse toda pronta do seu próprio cérebro assim como a *Saraswati* grega, ou Minerva, surgiu do cérebro do pai dela. Isso pode esclarecer o fato de eu ter recusado dar a ele, durante o curto período da minha instrução - qualquer coisa mais que problemas, sugestões e dilemas pela metade para que ele os resolvesse por si mesmo. Porque somente assim ele acreditaria quando a sua própria e extraordinária capacidade para captar a essência das coisas lhe mostrasse claramente que algo deveria ser assim, já que se ajusta com o que ELE considera matematicamente correto. Se ele acusou - e tão injustamente! - K.H., por quem sente real afeto, de ter “ressentimento” devido à sua falta de reverência para com ele, é porque construiu o seu ideal do meu Irmão segundo a sua própria imagem. O sr. Hume nos acusa de tratá-lo de *haut en bas*⁵! Se pelo menos ele soubesse que para nós um lustrador de botas honesto é tão bom quanto um rei honesto, e que um varredor de ruas imoral é muito melhor e mais desculpável do que um imperador *imoral*, ele nunca teria dito tal falácia. O sr. Hume se queixa (mil perdões, “se ri” é o termo correto) de que nós mostramos desejos de *dominá-lo*. Eu me atrevo a sugerir com todo respeito que é, absolutamente, o contrário que ocorre. É o sr. Hume (de novo em forma inconsciente e cedendo a um hábito de toda sua vida) que adotou esta atitude para com o meu Irmão em cada carta que escreveu a Koothoomi. E quando certas expressões, que denotavam seu impetuoso espírito de autoaprovação e confiança em si mesmo, chegavam ao ápice do orgulho humano, foram percebidas e suavemente questionadas pelo meu Irmão, o sr. Hume deu de imediato outro significado a elas e acusou K.H. de interpretá-lo mal, e considerou-o cheio de orgulho e “petulante”. Será que eu acuso *ele*, então, de falta de equidade, de injustiça ou algo pior? Decididamente *não*. Nunca um homem mais honesto, sincero ou bondoso do que ele respirou sobre os Himalaias. Eu conheço ações dele, das quais a sua própria família e sua esposa nada sabem - de tal nobreza, bondade e grandeza, que até o orgulho dele é incapaz de perceber em todo seu valor. De modo que nada do que ele pudesse dizer ou fazer poderia diminuir o meu respeito por ele; mas apesar de tudo isso sou *forçado* a dizer a ele a verdade: ao mesmo tempo que esse lado do seu caráter merece toda minha admiração, o seu orgulho nunca obterá a minha aprovação - com o que, novamente, o sr. Hume não se importará nem um pouco; mas isso, realmente, não tem importância. O sr. Hume, o homem mais sincero e franco da Índia, é incapaz de tolerar uma contradição; e quer se trate de um *Deva* ou de um mortal, ele *não pode* apreciar nem mesmo aceitar sem protestos a existência da mesma qualidade da sinceridade em alguém que não seja ele mesmo. Tampouco pode ser levado a confessar que alguém no mundo talvez conheça melhor do que *ele* algo que ele tenha estudado e sobre o qual tenha formulado a *sua* opinião. “Eles não aceitam o trabalho conjunto da maneira que me parece melhor”, queixa-se de nós em sua carta a Olcott, e só essa frase nos dá a chave de todo o seu caráter: nos dá a mais clara percepção de como operam os seus sentimentos íntimos. Tendo o direito - pensa ele - de considerar-se desprezado e menosprezado por uma recusa tão “pouco generosa” e tão “egoísta” da nossa parte a trabalhar sob a direção dele, ele não pode deixar de pensar em si mesmo, com toda sinceridade, como um homem extremamente generoso e capaz de perdoar, que, em vez de ficar ressentido com a nossa negativa, está no entanto “disposto a prosseguir conforme o modo deles (nosso)”. E esta nossa irreverência diante das opiniões dele não pode ser agradável a ele; e assim surge o sentimento desta *grande* injustiça que lhe fazemos, tornando-se proporcional à magnitude do nosso “egoísmo” e “petulância”. Daí a sua decepção e a sincera dor que sente ao ver a Loja e a todos nós tão abaixo do nível do *seu*

⁵ *De haut en bas* - em francês, literalmente, “de cima para baixo”, ou como um inferior. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

ideal. Ele se ri do fato de eu defender H.P.B.; e abrindo espaço a um sentimento indigno da sua natureza, esquece de modo muito infeliz que é sua, na verdade, a decisão de permitir que tanto amigos como inimigos o chamem de “protetor dos pobres” e outras designações semelhantes, e que os seus inimigos, entre outros, jamais deixam de lhe aplicar semelhantes nomes; e que, no entanto, longe de cair sobre ele como um insulto, esse sentimento cavalheiresco que o tem levado sempre a tomar a defesa dos fracos e oprimidos e a compensar os erros cometidos por seus colegas - como no último exemplo do problema com a municipalidade de Simla - o cobre com um manto de glória imperecível, tecido com a gratidão e o afeto que sente por ele o povo que ele defende tão destemidamente. Vocês dois têm a estranha impressão de que nós podemos nos importar e mesmo nos importamos com alguma coisa que se diga ou pense de nós. Tirem este erro das suas mentes e lembrem que a primeira exigência, mesmo para um simples faquir, é que ele deve ter treinado a si mesmo até saber permanecer indiferente tanto à dor moral como ao sofrimento físico. Nada pode causar, em NÓS, dor ou prazer pessoais. E digo isso mais para que compreendam a NÓS do que a si *mesmos*, que é a ciência mais difícil de aprender. A intenção do sr. Hume, causada por um sentimento tão transitório como apressado - devido a uma sensação de crescente irritação comigo, a quem acusou de querer “dominá-lo” - era a de vingar-se com um golpe irônico e portanto (segundo a mente europeia) ofensivo para mim - e isto é tão claro quanto o fato de que ele errou o alvo. Ignorando, ou melhor, esquecendo o fato de que nós, asiáticos, carecemos totalmente daquele sentido do ridículo que incita a mente ocidental a ridicularizar as melhores e mais nobres aspirações do gênero humano - eu, se ainda pudesse sentir-me ofendido ou envaidecido pela opinião do mundo, teria me sentido mais elogiado do que outra coisa. Meu sangue de Rajput ⁶ jamais me permitirá ver uma mulher ofendida em seus sentimentos sem que a defenda - mesmo que ela seja uma “visionária” e que o erro agora chamado de “imaginário” não seja mais do que outra das “fantasias” dela - e o sr. Hume conhece o suficiente das nossas tradições e costumes para estar bastante consciente da existência deste resto de sentimento cavalheiresco para com as nossas mulheres, em nossa raça que, sob outros aspectos, está degenerada. Consequentemente afirmo que quer ele esperasse que os epítetos satíricos me atingissem ou me ferissem, ou estivesse consciente de que falava a uma coluna de granito - o sentimento que o impulsionou era indigno da sua natureza mais nobre e elevada, já que no primeiro caso teria de ser considerado como um sentimento mesquinho de vingança, e no segundo caso como uma infantilidade. Assim, em sua carta a O., ele se queixa ou denuncia (você deve me perdoar pelo número limitado de palavras em inglês que tenho sob meu controle) a atitude de “semi-ameaça” de romper com vocês que ele imagina encontrar em nossas cartas. Nada poderia ser mais errôneo. Não temos mais intenção de romper com ele do que teria um hindu ortodoxo de deixar a casa que está visitando até que lhe seja dito que a sua companhia já não é mais desejada. Mas quando isso é insinuado, ele se vai. O mesmo conosco. O sr. Hume tem bastante orgulho de repetir que, pessoalmente, não sente desejo algum de nos ver ou curiosidade de nos conhecer; de que nossa filosofia e ensinamento não podem beneficiá-lo em nada, a ele que já aprendeu e conhece tudo o que poderia ser aprendido; que não se importa nem um pouco que rompamos ou não com ele, nem se preocupa de modo algum se estamos satisfeitos com ele ou não. *Cui bono*⁷, pois? Entre a imaginada (por ele) reverência que esperamos dele e essa combatividade

⁶ *Rajput* - membro de um povo hindu que descende da casta guerreira e é notável por seu espírito militar. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

⁷ *Cui bono* - Em latim, “a quem beneficia?” (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

injustificada, que pode degenerar nele, qualquer dia, em uma hostilidade inexpressada mas autêntica, existe um abismo sem um terreno intermediário que mesmo o Chohan pode ver. Embora não se possa acusá-lo de não fazer, como no passado, concessão alguma às circunstâncias e às nossas regras e leis peculiares, ele está sempre examinando essa zona fronteira e negra da amizade, em que a confiança está obscurecida e suspeitas tenebrosas e impressões errôneas cobrem todo o horizonte. Eu sou como eu era; e como era, e sou, assim provavelmente serei sempre: um escravo do meu dever para com a Loja e a humanidade; não só fui ensinado, mas também estou desejoso de subordinar toda preferência por indivíduos ao amor pela raça humana. Não tem sentido, portanto, acusar a mim ou a qualquer um de nós de egoísmo ou de desejar considerá-los “pelings desprezíveis” e de querer “*cavalgar em asnos*” só porque não conseguimos encontrar cavalos adequados. Nem o Chohan, nem K.H. ou eu nunca subestimamos os méritos do sr. Hume. Ele prestou serviços inestimáveis à Soc. Teosófica e a H.P.B. e ele sozinho é capaz de fazer da Sociedade um agente eficiente para o bem. Quando permite que a sua alma espiritual o guie, não se pode encontrar homem melhor, mais puro e mais benevolente. Mas quando o seu *quinto* princípio⁸ se erguer em irreprimível orgulho, sempre iremos enfrentá-lo e desafiá-lo. Sem aceitar o excelente conselho mundano dele sobre como vocês deviam estar armados com provas da nossa realidade, ou sobre como vocês deveriam fazer o trabalho conjunto da maneira que pareça melhor a ELE, eu permanecerei indiferente até receber ordens em contrário. Com referência à sua última carta (do sr. Sinnett), por mais que você expresse suas ideias com frases agradáveis, você está, não obstante, surpreso, e pessoalmente está decepcionado por eu não ter concordado em permitir fenômenos, e por nenhum de nós ter se aproximado um passo sequer de vocês. Nada posso fazer e sejam quais forem as consequências não haverá mudança alguma em minha atitude até que meu Irmão volte a estar entre os vivos. Vocês sabem que nós dois amamos nosso país e nossa raça; que consideramos a Sociedade Teosófica como um grande potencial para o bem do país e da raça, estando em mãos adequadas; que ele acolheu com satisfação a identificação do sr. Hume com a causa e que eu atribuí um alto valor a isso - mas só o valor justo. E assim vocês deveriam compreender que faríamos de coração tudo que pudéssemos para vincular você e ele mais estreitamente a nós. Mas, mesmo assim, se tivermos de escolher entre desobedecer à mais suave recomendação do nosso Chohan no que se refere a quando podemos ver a algum de vocês, ou ao que podemos escrever, e como, e onde, e a perda da opinião favorável de vocês, ou mesmo um sentimento de forte animosidade da sua parte e a dissolução da Sociedade, não hesitaríamos um só instante. Isto pode ser considerado irracional, egoísta, arrogante e ridículo, qualificado de *jesuítico*⁹ e toda a culpa pode ser atribuída a nós, mas a lei é a LEI para nós, e não há poder capaz de afastar-nos um milímetro do nosso dever. Demos a vocês uma possibilidade de obter tudo o que desejavam, melhorando o seu magnetismo, indicando-lhes um ideal mais nobre com o qual trabalhar, e foi mostrado ao sr. Hume o que ele já sabia: como ele pode beneficiar imensamente a alguns milhões de seus semelhantes. Escolham segundo seu melhor critério. A sua escolha já está feita, eu sei, mas o sr. Hume ainda pode mudar de ideia mais de uma vez; eu serei o mesmo em relação ao meu grupo e à minha promessa, seja qual for a decisão que ele tome. Tampouco deixamos de

⁸ *Quinto princípio* - isto é, o nível da consciência conhecido como *mente*, ou *manas*. Sobre os sete princípios da consciência, veja *A Chave Para a Teosofia*, de Helena Blavatsky, Ed. Teosófica, pp. 89-93. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

⁹ No sentido figurado, *jesuítico* significa, em inglês como em português, algo dissimulado, astucioso, hipócrita. Veja o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

apreciar as grandes concessões que ele já fez; concessões que crescem, a nosso ver, à medida que ele fica menos interessado em nossa existência e faz uma violência contra seus próprios sentimentos só com a intenção de beneficiar a humanidade. Ninguém, no seu lugar, teria aceitado essa situação com tanta boa vontade como ele o fez, ou obedecido tão estritamente à declaração “de objetivos primários” na reunião do dia 21 de agosto; enquanto “prova à comunidade nativa que os membros da classe governante” também desejam promover os louváveis projetos da S.T., ele aguarda uma oportunidade, até mesmo para obter as nossas verdades metafísicas. Já fez um bem imenso e ainda não recebeu nada em troca. E não espera nada. Relembrando-lhes que esta carta é uma resposta a todas as suas cartas e a todas as suas objeções e sugestões, posso acrescentar que você está certo, e que apesar de todo o seu “caráter terreno” o meu abençoado Irmão tem certamente uma real estima por você e pelo sr. Hume, e me alegra perceber que o sr. Hume possui alguns bons sentimentos em relação a ele, embora não seja como você e seja realmente “muito orgulhoso para procurar sua recompensa sob nossa proteção”. O único ponto em que você está e estará sempre errado, meu caro, é em defender a ideia de que os fenômenos possam em algum momento se tornar “uma poderosa máquina” capaz de sacudir os alicerces das crenças errôneas da mente ocidental. Ninguém, exceto aqueles que enxergam por si mesmos, jamais crerá, façam vocês o que fizerem. “Satisfaçam-nos e nós satisfaremos ao mundo”, disse você uma vez. Você foi satisfeito e quais são os resultados? Gostaria de poder imprimir em suas mentes uma profunda convicção de que não desejamos que o sr. Hume ou você provem conclusivamente ao público que nós realmente existimos. Por favor, compreenda o fato de que, enquanto os homens duvidarem, haverá curiosidade e pesquisa, e que a pesquisa estimula a reflexão, que gera o esforço; mas, uma vez que o nosso segredo tenha sido completamente vulgarizado, não só a sociedade cética não terá grandes benefícios, como também a nossa privacidade estaria constantemente em perigo e teria que ser resguardada a um custo irracional de energia. Tenha paciência, amigo do meu amigo. O sr. Hume levou anos para matar um número suficiente de pássaros para completar o seu livro; e ele não mandava que eles abandonassem os seus retiros cheios de folhas, mas tinha que esperar que chegassem até ele para que os empalhasse e rotulasse; assim também vocês devem ter paciência conosco. Ah, Sahibs, Sahibs! Se vocês pudessem pelo menos *catalogar-nos*, rotular-nos e colocar-nos no Museu Britânico, então de fato o *seu mundo* poderia ter a verdade absoluta, a verdade dissecada.

E assim, como de costume, tudo volta ao seu ponto de partida. Vocês têm estado caçando-nos em torno das suas próprias sombras, captando apenas um rápido relance de nós, mas jamais chegando suficientemente perto para escapar do esqueleto sombrio da suspeita que está em seus calcanhares e que os enfrentará no futuro. Receio que seja assim até o fim do capítulo, já que vocês não têm paciência para ler o volume até o fim. Porque vocês estão tratando de penetrar as coisas do espírito com os olhos da carne, de dobrar algo inflexível a partir do seu próprio modelo de como deveria ser, e ao descobrir que ele não se dobrará, vocês provavelmente tampouco poderão rompê-lo e - dirão adeus para sempre ao sonho.

E agora, para encerrar, algumas palavras de explicação. O *memorando* de O., que produziu resultados tão desastrosos e um caso único de *quid pro quo*¹⁰, foi escrito no dia 27. Na noite de 25, meu querido Irmão me disse que, tendo escutado o sr. Hume dizer, no aposento de H.P.B., que jamais ouvira pessoalmente O.¹¹ afirmar a ele que nos vira, e também que se

¹⁰ *Quid pro quo* - Em latim, “uma coisa pela outra”, confusão. Em português, há a expressão *quiprocó*. (Nota da edição brasileira das “Cartas dos Mahatmas”)

¹¹ “O.” - Henry Steel Olcott. (CCA)

Olcott lhe dissesse isso, ele teria suficiente confiança no homem para crer no que fosse dito, ele, K.H., pensou em pedir-me que dissesse a O. para fazer isto, acreditando que o sr. Hume poderia gostar de saber alguns detalhes. Os desejos de K.H. são uma lei para mim. E essa é a razão por que o sr. Hume recebeu aquela carta de O., numa época em que as suas dúvidas já estavam resolvidas. No mesmo momento em que entregava a minha mensagem a O., satisfiz a curiosidade dele quanto à Sociedade de vocês e lhe disse o que pensava dela. O. pediu minha permissão para enviar a você essas anotações, o que autorizei. Bem, este é *todo* o segredo. Por certas razões minhas eu queria que você soubesse o que eu achava da situação, poucas horas depois que o meu querido Irmão se afastara deste mundo. Quando a carta chegou até você os meus sentimentos mudaram um pouco e como já disse antes, alterei bastante o memorando. Como o estilo de O. me havia feito rir, acrescentei o meu *post-scriptum*, que dizia respeito unicamente a Olcott, mas foi aplicado, não obstante, inteiramente a si mesmo pelo sr. Hume!

Vamos parar por aqui. Encerro a carta mais longa que já escrevi na minha vida; mas como o faço por K.H. - estou satisfeito. Embora o sr. Hume não creia, a “marca do Adepto” é conservada em ____ não em Simla, e trato de ser fiel a ela, por mais pobre que eu possa ser como redator e correspondente.

M.

000

O texto acima constitui a carta 29 de “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, coordenação editorial de Carlos Cardoso Aveline, Volume I, pp. 151-164. Corresponde à Carta XXIX em “The Mahatma Letters”, A. Trevor Barker (ed.). A edição em inglês de 1926 da obra está disponível em PDF nos websites associados.

Novos Textos em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 12 de setembro tínhamos 2016 itens em nosso acervo, dos quais 990 estavam em português, 966 em inglês e 56 em espanhol.

Os seguintes itens - artigos, contos, livros e poemas - foram publicados entre 16 de agosto e 12 de setembro de 2017:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Noite** - *Aleixo Alves de Souza*
2. **Estrela** - *Aleixo Alves de Souza*
3. **O Duque de Caxias** - *Raymundo Pinto Seidl* (livro)
4. **HPB, on the Intelligence of the Mimosas** - *Carlos Cardoso Aveline*
5. **The Policy of the Heart** - *Carlos Cardoso Aveline*
6. **Truth** - *John Masefield*
7. **A Creed** - *John Masefield*
8. **Poemas Sobre a Vitória** - *Aleixo Alves de Souza*
9. **Stopping the Process of Interruption** - *Carlos Cardoso Aveline*
10. **Noite Constelada** - *Aleixo Alves de Souza*
11. **Living the Search for Truth** - *Farias Brito*

12. **Bárbaros** - *Aleixo Alves de Souza*
13. **Um Par de Poemas Sobre o Sofrimento** - *Aleixo Alves de Souza*
14. **Vivos Mortos e Mortos Vivos** - *Joaquim Gervásio de Figueiredo*
15. **Pelo Vácuo** - *Aleixo Alves de Souza*
16. **Prosperidade** - *Aleixo Alves de Souza*
17. **Vida Una** - *Aleixo Alves de Souza*
18. **Why Democracy?** - *The Theosophical Movement*
19. **Um Observatório de Almas** - *Carlos Cardoso Aveline*
20. **Litoral** - *Ribeiro Couto*
21. **A Organização do Movimento** - *Damodar K. Mavalankar*
22. **Dois Poemas Sobre a Árvore** - *Aleixo Alves de Souza*
23. **Solidão** - *Aleixo Alves de Souza*
24. **Organization of the Movement** - *Damodar K. Mavalankar*
25. **Alvorada** - *Aleixo Alves de Souza*
26. **Manancial de Vida** - *Aleixo Alves de Souza*
27. **Eight Russian Proverbs** - *Carlos Cardoso Aveline*
28. **Oito Provérbios da Rússia** - *Carlos Cardoso Aveline*
29. **A Teosofia no Brasil** - *César D'Almeida Campos*
30. **Europe and World Federation** - *Carlos Cardoso Aveline*
31. **Christianity and Anti-Semitism** - *Nicolas Berdyaev* (livro)
32. **Vida!** - *Augusto de Lima*
33. **Our Duties to the Planet** - *Carlos Cardoso Aveline*
34. **Ideias ao Longo do Caminho - 07** - *Carlos Cardoso Aveline*
35. **The Prayer of the Woods** - *Folk Tradition*
36. **A Infinitude do Ser** - *Sri Aurobindo*
37. **Breve Histórico da Teosofia no Brasil** - *João Batista Brito Pinto*
38. **You Never Can Tell** - *Ella Wheeler Wilcox*
39. **O Saber Que Transcende o Pensamento** - *Carlos Cardoso Aveline*
40. **The Knowledge that Transcends Thought** - *Carlos Cardoso Aveline*
41. **The Aquarian Theosophist, August 2017**
42. **A Guerra Mundial em Nossas Mentes** - *Carlos Cardoso Aveline*
43. **The Heavenly Christmas Tree** - *Feodor Dostoevsky* (um conto)
44. **A Philosopher's Agony** - *Augusto dos Anjos*
45. **Metamorfose** - *Júlio Dinis*
46. **Two Poems on Life and the Yearly Cycle** - *Ella Wheeler Wilcox*
47. **The Character of a Happy Life** - *Sir Henry Wotton*
48. **À Luz do Sol Nascente** - *Júlio Dinis*
49. **A Árvore de Natal de Cristo** - *Fiódor Dostoievsky* (um conto)
50. **Bitterness, Good Will and Bliss** - *Carlos Cardoso Aveline*
51. **The Significance of One's Efforts** - *Carlos Cardoso Aveline*
52. **O TEOSOFISTA, Agosto de 2017**

NOTA:

[1] Os websites associados incluem www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.AmazoniaTeosofica.com.br, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org e www.TheAquarianTheosophist.com.

